



Gaiato

18 DE OUTUBRO DE 1969
ANO XXVI — N.º 668 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

MEDITAÇÃO DA HORA

O discípulo de Cristo eleito condutor de homens, não pode guiar-se por outra luz que não seja Ele, nem escolher outro caminho senão o Caminho que Ele Se afirmou.

Isto não implica misticismo. Cristo é Deus incarnado, Deus que se fez resposta acessível aos homens; resposta concreta aos seus problemas do tempo para que não haja problemas de Eternidade.

Guiar-se por Cristo, segui-IO, para o discípulo, é simplesmente coerência. E todo o que fôr com Ele pelo Evangelho em fora, não corre grande risco de se enganar nem de enganar, mau grado a humana fraqueza que até ao fim subsiste.

Em linguagem cristã, reinar é servir. Aquele que neste espírito realiza o seu reinado temporal, prepara sólidamente o principado eterno, pois que servir é reinar.

Um chefe do Povo, onde o qualificativo de cristão é reclamado, (se é sinceramente cristã a linguagem que se fala, a vida que se vive) não se tem por mais que o Mestre e procura aprender d'Ele, que é manso e humilde do coração.

Quem na História do Cristianismo (para não dizer na História da Humanidade) mais «se fez tudo para todos» do que S. Paulo, «vinctus in Domino» para que fôsem realmente livres os homens que o Senhor veio ao mundo libertar?! Quem mais do que ele, um homem público, um condutor de homens, um irmão universal

Continua na QUARTA Página

Depois que tantos nos batem à porta e não são recebidos, muita gente nos pergunta: — Mas então quais são os rapazes que vocês recebem? A resposta é muito antiga e sempre a mesma. Somos para os abandonados. Não para órfãos, muito menos para acudir a mães enganadas e que querem separar-se do filho como quem alija uma carga; ou que, sob pretexto de procurar trabalho, escondem nova aventura em que não podemos colaborar, como o caso há dias aqui referido. E também não somos para os filhos de família difíceis, crianças-problema, como agora se diz, que, pelo comportamento ter características semelhantes aos nossos, poderiam beneficiar da mesma pedagogia. Ainda há tempos alguém lamentava não recebermos esses, que ajudariam materialmente a enfrentar melhor as dificuldades dos outros. Nunca trocaremos o amor aos mais infelizes pelo lucro material do nosso trabalho.

Numa simples frase se explica a nossa finalidade. Somos uma família para os que nunca a tiveram ou a perderam. Esta constitui o berço natural e humano de toda a criança. Quando falta, quer porque nunca chegou a existir como é o caso de tantos, quer por desagregação ou ainda por morte de ambos os pais, sem parentes próximos que possam tomá-la a seu cargo — estamos perante casos nossos.

Dentro destas condições, e porque nem sempre podemos aceitar quantos nos batem à porta, há que escolher seguindo esta norma de Pai Américo: «quanto pior, melhor». Quanto piores as circunstâncias de abandono e o comportamento social da criança, melhor recomendação traz consigo. E nada valem outras, nem influências. A miséria recomenda-se a si mesma.

Há ainda um tipo de crianças

Continua na TERCEIRA Página

LOURENÇO MARQUES



A nossa família vai aumentando. É o rescaldo das férias. Depois do Quim de Buarcos veio o «Gordinho». Fomos buscá-lo ao sanatório. Havia sido ali internado há quase dois anos e agora, já curado, ninguém o ia buscar. As Irmãs de S. Vicente de Paulo chamaram por nós.

Conhecemos a mãe do «Gordinho» já há muito. Ela é também mãe do Chiquito que já é nosso há um ano. Uma pobre mulher, sem saúde e sem rasgo, que partiu há anos dos arredores de Viseu à procura de melhores condições de vida. Trouxe consigo o seu rancho de filhos. Foi deixando uns por cada lado e hoje só tem consigo um rapazito dos quinze anos. Vivem duns trabalhinhos que fazem quando podem e quando os têm.

As duas filhas mais velhas já estão arrumadas — como diz a mãe. Pobre gente! Pobres filhos, os filhos delas! Pobre dignidade da mulher que fica assim arrumada, quantas vezes vendida pelo preço da miséria e escravizada pelo instinto das paixões!

Quando encaramos com o Chiquito e com o «Gordinho» encontramos todos aqueles, e sobretudo todas aquelas, que têm de deixar seus ninhos para se aventurarem à procura de melhor vida e depois vão ficando pelo caminho, caminho geralmente enlameado.

Examinando a nossa vida social parece não encontrarmos nada que proteja e defenda a integridade destas famílias e que possa obstar à sua dispersão. Pobres mães viúvas e pobres mães abandonadas!

xxx

Na mesma altura chegou também o «Pistolão». Veio pela

Continua na QUARTA Página

MALANJE

Foi mesmo na rua que o senhor desabafou: «É um pequeno filho dum soldado de 1961. O pai nem sabe que deixou cá um filho... A rapariga depois... Agora são os homens que põem o menino fora. Mas o pequeno está na idade de aprender. Ele não tem culpa.» Também ela não deve ter.

Recolher crianças, recolher crianças... os problemas, porém, não acabam. Remendos. Que bom se estes não fossem... E, em vez, um fato de bom pano, bem trabalhado.

Vou ver se arranjo um cantinho para o nosso filho do pai, que, talvez, viva tranquilo e feliz e, nas festas da terra, pegue nas varas do pálio. Ele não sabe que tem cá um filho de cabelos grizalhos e olhos cor dum sonho...

xxx

Mais dois do bairro da Maxinde. A Maxinde é um pequeno mundo. Há lá mães com ranchos de 6 e 7, cujos proventos são umas rendas que fazem, ou uns homens que recebem, ou

ordenados de 300 ou 400 escudos mensais.

«Como quer que as crianças vivam com a mãe? Tem que ir lá por eles.» Terei, terei.

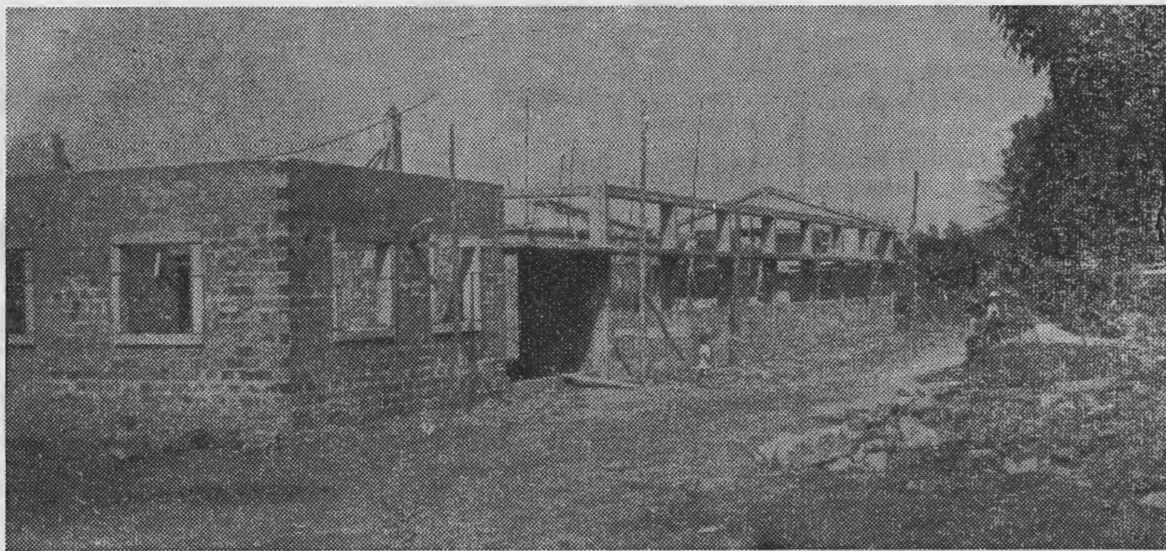
xxx

Mais um a viver nas telhas dum casal de Cabinda. Este casal recolheu uma menina e a tem como filha. Ao rapaz de

onze anos tratou bem, mas não como filho. Eles sentem que não basta o pão que lhe dão. Há uma lacuna. Por isso mo querem entregar. Razoável.

De facto, pão, vestido e pau é tão pouco! O amor materno é um píncaro tão alto! Mas é o mais semelhante ao amor de Deus

Padre Telmo



EIS AS NOSSAS OFICINAS DE MALANJE.

PELAS CASAS DO GAIATO

OUTONO — Já lá vai o Verão e com ele o tempo de férias. Começou o Outono. Chegamos já ao mês de Outubro, o mês da guerra na capoeira, como diz o povo — e é certo; as preocupações que traz este mês!.. Reabriram as aulas de instrução primária, liceus e escolas técnicas;

Paço de Sousa

comprar livros, cadernos, lápis, canetas, etc. — uma aflição!! Mas só assim, no meio das preocupações, é que se realiza o futuro; o trabalho é que nos dá o sustento no dia a dia. E bem diz o povo: «O mundo é uma bola, quem anda nele é que se amola..» Ora aqui está uma grande verdade! Em nossa Casa acontece isto precisamente; o mês é igual para todos.

X X X

VINDIMAS — Começaram as dores de barriga. Todos correm para senhora D. Sofia: — Minha senhora,

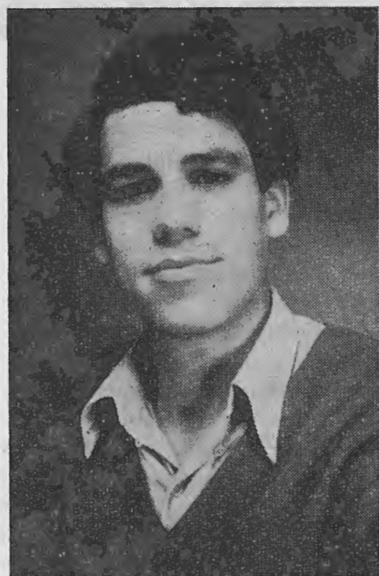
doi-me a barriga. A senhora olha para o rapaz e não pensa duas vezes; some-se para pouco depois aparecer com o respectivo óleo de rícino.

Uma outra figura muito importante nesta altura do ano é o Serafim, orientador e responsável pelo campo. Ele — e mais que ninguém — se preocupa com as vindimas. Corre a «Aldeia» toda em busca de rapazes. E quando vê que ainda não tem o número suficiente, vem à tipografia proclamar a necessidade que tem de rapazes para a vindima. O Júlio, que é o responsável pela oficina, compreende-o e não faz questão em pensar mais vezes no assunto; de tal modo que lá vamos todos campos fora em direcção às ramadas, com ânsia de primeiramente apanharmos uma barrigada de uvas e só depois colher para o cesto. E ao eco a repetir — olha a giga!, responde o Serafim: — Vamos a despachar enquanto está bom tempo!

X X X

ELEIÇÕES — Há muito que esperava uma oportunidade para falar em eleições. Enfim, chegou a vez.

No dia 3 deste mês tivemos as eleições para novo chefe maior. Como os leitores sabem, nas nossas Casas do Gaiato há um chefe maior eleito pela comunidade, que zela pela rapaziada, pela boa ordem da Casa, que substitui o Padre na ausência deste. É ele eleito por



Manuel António.
Novo chefe Maioral.

votos. Com a próxima ida, já do Santos Silva para a tropa, a comunidade de Paço de Sousa viu-se reunida no salão de festas para proceder à eleição de novo chefe maior. Ouvimos de início a leitura de um trecho do livro «A Porta Aberta». Distribuíram-se depois tantos papéis quantos os que faziam parte da lista eleitoral, para que neles se escrevesse o nome daquele que nos parecia ser o mais competente para ocupar o cargo. Reunidos todos os papéis fez-se a passagem para o quadro. Que ficou assim ordenado: 1.º Manuel António, com 54 votos; 2.º Adriano e Laurentino, que empataram com 13 votos cada, ficando o Adriano em 2.º por ser mais velho que o Laurentino.

Para o novo chefe maior as maiores felicidades ao longo do tempo que ocupar o cargo.

Américo Correia

BENGUELA

Após um período de quarentena e um mês em serviço militar, eis-me de regresso às colunas do Famoso.

ESCOLA — Do local em que vos escrevo, vejo os operários a descer das escolas as tábuas que constituíam os andaimes do edifício das escolas. Este andamento alega que dentro em breve teremos os pintores em acção; os cantos de lusalite já estão quase todos; os carpinteiros colocam as peças de esquadria, que dentro de pouco tempo terão o seu fim. E só com este, conveniente teremos lugar para os primeiros passos da cultura dos que são nossos.

LAVOURA — Falando da agricultura, quero comunicar-vos que, como sempre, temos exportado a saborosa banana para o continente. Felizmente vamos tendo produto para os embarques que se sucedem a cada passo. São uma ajuda para o pão de cada dia. A batata, que nesta região conta como da melhor, tem-nos recompensado ao esforço dispendido ao longo destes meses após a sementeira. Jentenas de sacos são carregados com a convicção de que o alimento indispensável à humanidade constitui êxito nas nossas lavouras.

+ + + Os problemas nas nossas casas são sempre motivo de interesse. Desta feita, temos na nossa Casa em Benguela um que

nos fere o coração. Não só pela mão, como pelo correio, os pedidos de entrada de rapazes são frequentes. Ferimo-nos porque há vontade em aceitá-los, mas as condições não são propícias para tal. Figuram já muitas dezenas de nomes na lista de espera até que as casas-dormitório se prontifiquem a recebê-los. Para isso, é esperada toda a tua generosidade. E lembra-te amigo leitor, que o pouco que mandares é o muito que nós recebemos.

A todos agradecemos. Lembramos os operários da Lupral que todos os meses tiram uma migalhinha de seu vencimento para nos darem.

É tão fácil fazer-se grandes coisas quando se dão as mãos.

JOÃO MACIEL

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O verão debilita a saca dos Pobres. Normalmente é assim. E não estranhemos. Todavia, mau seria cruzarmos os braços. Por isso, aqui nos tendes, prezados Amigos, a lembrar que estamos muito, muito depenados! Temos casos difíceis e não podemos acudir. Quem levanta o braço, de carteira na mão, com um bolo jeitoso para safar problemas dos nossos Pobres?

Custa muito pedir. Custa, sim senhor. Que o digam os nossos Padres. Ora porque é necessário fazer despertar no mundo o sentido da Caridade autêntica, a quem se alimenta quatro vezes ao dia, despreocupadamente, é que nos sujeitamos inclusivé, a estar de saca na mão, à saída da Missa na igreja paroquial, presenciando desinteresses, mas recolhendo também moedas, género óbulo da vídua, de que nos fala o Evangelho. A propósito: custa mais, porém, uma espécie de escândalo que a saca gera em determinada mentalidade que se diz evoluída e hoje se compraz — por razões pessoais facilmente palpáveis — em desaproveitar o método. Antes a saca que réditos burgueses ou, pior ainda, produto das célebres canastas e o mais que a gente sabe — delicia e vergonha de gozadores; e atentado à Caridade.

Vamos discriminar as migalhas recebidas. Abre uma velha Amigada Luso: «O excedente (27\$50) é para a vossa Conferência, da parte de uma responsável da Conferência cá do Luso, portanto duma confrade que pede as vossas orações». Que não fosse mais nada, bastaria esta remessa para darmos graças a Deus. E temos a certeza — precisamos de viver da Fé! — que esta migalha vai gerar mais e mais. O Evangelho não é letra morta. Mais 40\$00 da assinante 17440. E o mesmo, também, da perseverante assinante 17022. Por fim, só mais 100\$00 da assinante 2155, de Lisboa. Que é dos nossos leitores?! Hoje só compareceram senhoras. Estou admirado. Para todos um muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

CAMPO — As nossas árvores de fruto, apesar dos cuidados e dos tratamentos que lhes fizemos, houve ainda algumas que pouco ou nada deram. Mesmo assim, ainda tivemos fruta suficiente e andamos a comer a quase todas as refeições. São sobretudo maçãs e peras que é o que mais temos cá em casa; tivemos também alguns pêssegos bons e bonitos, mas foram poucos.

As nossas uvas é que estão em baixo. Estão bastante atrasadas e prometem dar pouco, pelo que já

podemos dizer «Adeus» ao vinho do próximo ano.

OFICINAS — Continuamos com a campanha para a promoção das nossas oficinas. Ainda nos não calámos, nem calaremos, pois se o fizermos, pode acontecer que os nossos amigos, embora bem intencionados, julguem que temos muito a fazer, e dum momento para o outro, deixamos de ter trabalhos.

Actualmente na carpintaria, tido com que se ocupar, e ainda durará por algum tempo, mas depois... A serralharia é que está mais em baixo por agora, pois os rapazes dão os trabalhos prontos e por vezes não sabem que mais há-de fazer. Eles andam com vontade de trabalhar, e de despachar os trabalhos que vão tendo.

Porém amigos, devemos lembrar-nos que é pelo trabalho que se há-de fazer homens para o dia de amanhã.

RETIRO — Terminámos esta semana o nosso retiro anual. Este ano teve de realizar-se cá em casa, devido a que a casa onde costumamos fazer, na senhora da Piedade de Tábuas, já está bastante velha.

Foi por isso um pouco mais difícil recolhermo-nos e isolarmo-nos do mundo, para pensarmos mais a sério na nossa vida espiritual. Mas, com a ajuda de Deus e do Sr. Padre Frade que veio falar-nos, pudemos aproveitar bastante, pois ele teve o cuidado de nos ocupar o mais possível; embora isso exigisse um pouco mais de esforço da parte dele e de todos nós.

Todos procurámos aproveitar este encontro que o Senhor nos proporcionou, para revermos a nossa vida passada, e sobretudo, para ganharmos forças para enfrentarmos mais um ano de cabeça erguida.

Após dois dias, o retiro, terminou então, como habitualmente, pela Santa Missa que foi o nosso acto de Acção de Graças ao Senhor.

Estiveram connosco à Santa Missa alguns senhores Padres que nos deram a possibilidade de podermos incluir na Santa Missa um Acto Penitencial. Uma novidade para nós.

Seguiu-se um jantar que decorreu alegremente, terminando-o o Fernandito com duas castanholadas. No fim levou bastantes palmas, e alguém sugeriu que se lhe entregasse um ZIP. À falta deste, o Sr. P. Horácio, entregou-lhe uma maçã de igual tamanho, que ele com agrado foi comer para o seu lugar enquanto a farra continuava.

E por hoje é tudo.

Francisco José

As nossas edições

Disponos, actualmente, dos seguintes livros:

- «Pão dos Pobres» II e III volume
- «Obra da Rua»
- «Ovo de Colombo»
- «A Porta Aberta»

Se deseja adquirir qualquer um dos citados volumes dirija o pedido à

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Cantinho DOS RAPAZES

O «caso» já perdeu actualidade, mas as lições ficam.

Refiro-me aos problemas de Eusébio com o Benfica. E a ideia de tocar no assunto veio-me de um artigo que achei muito sensato, lido há tempo num semanário que costumo folhear com agrado e proveito, o «Jornal do Fundão».

O articulista compreende a posição do jogador: fazer valer as suas qualidades junto dos patrões para obter aumento de ordenado. Nem o choca que em desporto que é essencialmente indústria, falte a nobreza da dedicação clubista. Vale aqui o «amigos, amigos — negócios à parte». E portanto é natural que, em conflito de interesses cada um «puxe a brasa à sua sardinha» e se defenda.

É o sistema que enforma o desporto profissional que tal provoca: esse sistema que votará Eusébio ao esquecimento no dia em que ele perder o ponta-pé («velhice») que no futebol se atinge cerca dos 30 anos) e o leva, por isso mesmo, a aproveitar esta oportunidade última enquanto a tem nas mãos.

«É isto que eu não entendo nos teus defensores nem em ti. Assim se justificam todas as «vedetas», todo o vedetismo. Assim se justifica tudo aquilo que se pretende combater por-

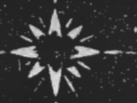
que está realmente errado. Apoiarem-te no teu pedido com tais razões é de facto arrearjar uma orgânica, é de facto apoiar tudo o que é injusto.

Senão vejamos. É justo que exijas do teu patrão a compensação óptima do teu esforço. Mas, meu caro Eusébio, defenderes-te (defenderem-te) em nome de um sistema que te vota ao ostracismo aos 30 anos é justo?! Defenderes-te dizendo que tens, até essa idade, de assegurar o teu futuro e das tuas filhas é justo?! Francamente, eu penso que não. Como homem, terás o direito de, a partir dos 30 anos, viveres sem profissão, viveres sem trabalhar, gozando capitalisticamente dos rendimentos? Como é possível que uma sociedade admita que um homem, só porque foi vedeta, a partir dos 30 anos, viva de papo para o ar tendo o seu (e o dos seus) futuro garantidos? Como admitir moralmente tal posição quando toda a gente — normalmente — trabalha até aos 50, aos 60, aos 70, até à hora da morte?

Não, Eusébio. Os que te defendem e acusam o sistema e a tua relação estão a encaminhar-te mal. A partir dos 30 anos serás um ser inútil porque não tens, não queres, nem te ajudam a encontrar outra pro-

Continua na TERCEIRA Página

Gaiato



Que me desculpe o Ernesto Pinto o facto de intervir na sua rubrica. Mas, um facto que se passou e foi até comigo dialogado, é motivo para esta intervenção, para que uma vez mais neste capítulo, seja levantado veemente protesto, que possa chegar aos ouvidos daqueles que têm a obrigação de ouvir e actuar.

Como será do conhecimento, pelo menos duma grande maioria, S. Tomé é, infelizmente terra de vida fácil, no campo da prostituição.

Casas e mais casas de madeira que se estendem por entre as bananeiras e palmeiras, são cenário do que mais aviltante pode haver: o rebaixamento da mulher nativa; a contribuição para um número assustadoramente crescente de filhos sem pai!

Tudo isto se faz à luz do dia!... Pelo menos toda a gente pode ver! (O meio não é assim tão grande!) A verdade é que nada se fez ainda! Não há quem ponha termo, ou pelo menos procure uma solução para este grave problema que só contribui para o afundamento duma nação que se quer elevar e se diz CATÓLICA!

É claro que em todo o lado existe a prostituição — poder-se-á dizer. Mas isso só servirá de couraça àqueles que devem agir.

Porém, o caso que me levou mais a escrever sobre o assunto, e me chocou imenso, é o que passo a descrever:

Um rapaz, que depois de ter sido despedido do emprego, procurou como é lógico nova colocação, tendo conseguido lugar numa das várias roças existentes na Província, apareceu-me, no mesmo dia em que

Filhos de pai incógnito

devia apresentar-se. Estranhei. Perante a pergunta que lhe fiz, respondeu-me:

— Já não vou para a roça, porque o engenheiro queria que eu amigasse com uma nativa!!!

Chocou-me esta resposta! Repliquei novamente:

— Mas tu só amigas se quiseres. Por certo ninguém te obrigará!...

— Qual quê!? Para trabalhar lá, sou obrigado a amigar. É condição exigida.

É este o caso. Caso que me deixou profundamente revoltado de indignação.

Onde pode chegar tamanho descaramento sem que ninguém veja e corte o mal pela raiz para que se acabe com tais abusos!

Este rapaz não aceitou. Talvez pelo facto de ter de comprar tudo aquilo a que seria obrigado, para a amiga! Ou talvez até tenha sido a sua consciência que falou através de seus lábios, recusando tão repugnante proposta. Mas, com certeza, muitos aceitarão. Depois, são filhos abandonados, porque aquele que contribui para que eles viessem ao mundo, não quer saber deles. O senhor que obrigou a mãe a amigar, também não lhes liga, nem tem nada com isso! São

os filhos sem pai, cujo número é igual ou até superior ao daqueles que o têm.

As nativas não se importam muito com isso! Basta que vejam na mão do europeu uns tristes cobres, para logo dispo-rem da sua vida e felicidade. Os inocentes, esses sim! São os que menos culpa têm, mas os que mais sofrem! Aparecerão os filhos que não pertencem a ninguém! Ninguém os quer! Vagueiam pelas ruas esfarrapados, deitando a mão a tudo o que podem para conseguir um pouco de pão! O amigo da mãe e o senhor roceiro não têm dinheiro para essas coisas!

Apetece-me pegar aqui nas palavras do Ernesto Pinto e gritar: — «Para quando a mulher respeitada, seja ela de que cor for?» Que direito têm estes senhores de subjugarem uma mulher e arrastá-la para uma vida de desgraça, de pecado e de lama? Que autoridade têm os ditos senhores para imporem como condição de trabalho, a obrigação de amigar arrastando mães e filhos para uma vida de insegurança constante? A frase que eu já ouvi de algumas nativas, aquelas que já não vão em cantilenas! — «Gente não quer nada com branco. Branco arranja filho e

não liga mais, não!», — tem razão de ser, pelo muito que se abusa da debilidade da mulher nativa.

Entretanto, tudo se vai permitindo.

Enquanto se põem em prática grandes planos de urbanização,

dando à paisagem uma visão mais agradável, a miséria, o abuso e o mal, continuam inexoravelmente no seu avanço sem que se levante uma barreira para impedir esse progresso e depois atacar o mal no seu próprio reduto.

Para quando, uma rápida acção de limpeza, não tanto daquelas que andam na vida fácil, mas, e sobretudo, daqueles que fomentam o andar delas nessa vida?!

B. R.

Visado pela

Comissão de Censura

Cantinho dos Rapazes

Cont. da SEGUNDA Página

fissão. Um ser inútil a quem só aproveitou o sistema e que cada vez mais ficará dentro do sistema servindo de exemplo (péssimo) para outros Eusébios futuros no futebol ou noutra actividade.»

Pouco tenho a acrescentar, tão claras o articulista nos mostra as suas ideias. Sômente sublinharei alguns pontos, aliás já contidos no pensamento do autor.

1.º — O erro de todos os vedetismos. Estragam sempre, qualquer que seja o nível do

sujeito. Estou-me a lembrar do Dr. Barnard, o das transplantações cardíacas, tão rapidamente tornado vedeta e a quem a vida, em vários aspectos, parece ter deixado de correr como corria.

2.º — A injustiça real destas exaltações de valores tão relativos, tão rasteirinhos como é o saber dar pontapés bem dados numa bola, perante outros valores tão incomparavelmente mais elevados, que não «morrem» aos 30 anos, mas duram 30, 300, 3.000... anos após a morte do sujeito de tais dons.

3.º — O dever de todo o homem trabalhar até que a velhice dos anos ou de uma doença o invalide. Dever tão fundamental, tão universal, que custa a entender que uma sociedade dos nossos dias admita a existência legal aos ociosos.

4.º — O drama de ser inútil, caído do pedestal em que os insensatos o levantaram — estátua de barro a fingir de bronze, desmascarada no dia em que as pernas se quebraram.

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA Página

que, estando nestas condições apontadas, não podemos aceitar. São as portadoras de atraso mental. A sua educação e sobretudo recuperação, exige ambiente e trato adequado, com técnicas diversificadas e muito especializadas, que não temos.

É por isso que damos todo o apoio aos institutos de recuperação de menores deficientes. Acompanhamos com todo o interesse e oferecemos toda a ajuda à Associação de Pais que em Lourenço Marques aguarda já a aprovação dos seus estatutos, e de quem se há-de falar aqui, porque vem precisamente ao encontro destas crianças a quem nos sentimos ligados.

Padre José Maria



«A miséria recomenda-se a si mesma.»

Padre Luís

Aqui LISBOA

As modas imodestas no campo do vestuário, a licenciosidade, pornografia muito divulgada representam grave ameaça para a dignidade humana e cristã. (Da alocução de Paulo VI na audiência do dia 1 do corrente).

Temos clamado aqui em vão. Não podemos, porém, desanimar ante aquilo que se depara a nossos olhos. Contamos ainda com uma réstea de bom senso e de decência que, esperamos, venha a prevalecer no seio das famílias cristãs ou naturalmente bem formadas, para lá do contributo corajoso de quem tem a responsabilidade das coisas públicas nos seus variados graus. A desagregação moral só pode trazer o descalabro das sociedades e dos seus valores mais sadios. Água mole em pedra dura tanto dá até que fura, diz o velho rifão popular. A erosão conduz mais dia menos dia, se não se opõem antidotos capazes, ao desmoronar dos rochedos tidos como mais sólidos.

Há dias, ao serviço da Obra, deslocámo-nos a certa repartição. Nas paredes, com grande espanto nosso, encontramos grande profusão de calendários com o mais descarado nudismo.

Pareceu-nos impossível que isso fôsse assim e arregalámos os olhos, não fosse ilusão de óptica. Infelizmente não era. Paulo VI tem toda a razão em dizer que «o erotismo, por meio da promiscuidade, da fotografia pornográfica e dos estupefacientes, assalta mesmo os círculos mais sãos e reservados...» A família, a escola, os divertimentos e, pelo que se aponta, as próprias repartições oficiais ou para-oficiais são «assaltadas» pela onda corrosiva da pornografia e de similares.

«Em alguns países a própria lei se encarrega de justificar os atentados ao pudor e ao direito que a inocência tem de ser protegida». Que Deus nos livre disso venha a suceder em Portugal. No entanto, se a tibieza fôr norma, fácil será cairmos em estados práticos equivalentes. Nos jornais, alguns com grandes responsabilidades, ao lado dos assuntos ou factos das coisas mais nobres, aparece o obsceno mais demolidor; a anedota porca ou dissolvente enche as colunas de muitos periódicos ou revistas; as publicações eróticas ou imorais vendem-se publicamente

por toda a parte; nos transportes, nas montras e nos mais variados locais utiliza-se o anúncio mais desavergonhado; baralhos de cartas ou estampas licenciosas oferecem-se a baixo custo a quem passa pelas ruas; nas vias dos grandes centros é corrente encontrar situações mais próprias de simples felinos ou de cães à solta; no rádio e na própria Televisão, na publicidade e até fora dela, a responsabilidade educativa nem sempre está presente. «O erotismo, levado a tristes expressões, públicas e muito divulgadas, atingiu proporções epidémicas e agressivas, representando a mais grave e mais insidiosa ameaça à dignidade humana e cristã», eis a síntese do Papa, que podemos fazer nossa. Daqui chamamos a atenção para os detentores da autoridade e para todos os responsáveis. Apenas se lhes pede que cumpram o seu dever e que tenham coragem. Se «todas as defesas parecem enfraquecer e cair e as leis de alguns países permitem todos os delitos de licenciosidade e um sentimento de fatalidade inibe as pessoas responsáveis boas de uma reacção leítima e efectiva», só cumprindo corajosamente o nosso dever podemos fazer frente ao caudal da imoralidade.



Meditação da hora

Cont. da PRIMEIRA Página

de todos os homens de boa vontade?! Pois ouçamos a sua exortação, hoje, como naquele tempo os Efésios: «Rogo-vos que vivais de modo digno da vocação a que fostes chamados com toda a humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos mutuamente em caridade, solícitos em conservar a unidade pelo vínculo da paz».

Conservar a unidade, construir a unidade, robustecê-la, em paz, pela paz, para estruturação da Paz — que programa mais adequado ao cristão, mormente se ele é homem público, condutor de homens?!

Mas que guerra ele tem de travar sobre si mesmo, contra os escribas e os fariseus de todos os tempos, para ganhar a paz interior e por ela e nela poder dar-se até ao fim à tarefa divina de construir a unidade, de alicerçar a Paz.

Só o humilde é capaz desta vitória, aquele que tem a autêntica vocação de homem público, o que sabe «não poder gloriar-se senão das suas enfermidades...» e «na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem fomos salvos e libertos».

Só o humilde é proporcionalmente forte contra os poderes do mundo, que se levanta-

ram contra o Mestre e fazem obstáculo aos Seus discípulos.

Só ele é suficientemente sábio para intuir «in unum» as duas idades da vida humana e, sem rejeitar as leis da natureza, abrir-se a princípios superiores derivados do Amor que libertam o homem da «escravidão da lei».

Só ele é pobre o bastante, para que «nada tendo, tudo possua» e «enriqueça a muitos».

Só ele pode quebrar os laços de toda a dependência, de modo que dispondo da sua vida ao serviço de todos, não se deixe enredar na teia que os ricos tecem, como se a riqueza deles fosse o único meio de todos progredirem e não apenas uma parte do todo, parte aliás devida, se quisermos falar rigorosa linguagem cristã.

Difícil a missão de um chefe! Tanto, que muitos se desequilibram e caem na cupidez dos bens; outros na soberba do homem-necessário.

Deus guarde os condutores dos Povos do abismo profundo das suas tentações. Deus ajude os Povos a merecerem chefes que tenham de si-mesmos a consciência de «vasos quebradiços», «de servos por amor de Jesus Cristo», «que veio para servir, não para ser servido».

Armindo Chicote Safaneta — é este mesmo o seu nome de registo — precisa de apresentação para entrar no «Vistas de Dentro».

Mas antes quero dizer-vos de quanto me sensibiliza a subtil delicadeza dos rapazes que, tendo milhentos motivos a principiar pelo do nome próprio, para o alcunhar, lhe chamam pelo nome; o único digno de tal.

Ora Armindo é do grupo dos batatinhas. Safado (no sentido de descarado) é ele.

Desde que nasceu não conheceu pai, nem berço, nem casa, nem família, nem alimento.

Conheceu, sim, uma vida de errante, de cabanas, restos de comida e miséria.

Armindo seria uma criança normal se não tivesse tido uma vida anormal por infra-humana que foi. Seria, até inteligente e fisicamente capaz se não fosse a fome que passou. Veio para nós lá dos lados do Alto Alentejo, por mão dum Padre verdadeiro missionário naquelas terras.

Dotado duma imaginação espantosa é capaz de nos entreter durante horas a contar histórias fantásticas com um cunho de realismo que impressiona e nas quais ele tem sempre um papel preponderante. São, porém, histórias eivadas de fatalismo, de superstição, onde a violência e a morte andam a par.



Muito conversador e sociável, a par duma avidez de carícias, é, também muito dado ao isolamento.

Pouco amigo do trabalho — que lhe é marcado dentro da sua capacidade física — contam-se pelos dedos os dias em que não é preciso andar à sua procura.

Sempre que pergunto por ele oiço a mesma resposta: «O Armindo está na sua cabana.» Lá vou eu à procura da cabana; mas como têm várias e é grande especialista em as camuflar, acontece que passo muitas vezes por elas sem dar conta!

Há dias, depois de horas à sua procura, pois até tinha faltado à refeição do meio dia, fui dar com Armindo numa cabana bem escondida, no armazém das madeiras, tendo por cama um velho saco, por mesa um toro de madeira em cima da qual estava um amolgado copo de alumínio contendo uns restos de massa junto com umas couves cruas e tudo dentro de água. Pergunto-lhe o que era aquilo e diz que é o seu comer, e a sua casa!

Dias depois, fartei-me de o procurar e não o topei. Faço perguntas e a resposta é sempre a mesma: «Está no telheiro na sua cabana.»

Vou ao telheiro, dou voltas e nada de Armindo. Como todos insistissem que lá estava, voltei a fazer busca e acabei por encontrá-lo muito bem acomodado dentro duma cabana feita de vides, bastante espaçosa e de tal maneira resistente que a calquei muitas vezes sem ter conta. Tirada a camuflagem da entrada não resisti tirar um retrato para o «Vistas de Dentro». Aí vai em baixo e mostra bem quanto Armindo se sente feliz.

Como ele foi marcado pela sua vida de miséria!

Agora tem cama com colchão de espuma. Tem lençóis de algodão. Tem uma mesa para comer. Tem uma comida, tanto quanto nos é possível, rica em calorias, vitaminas, proteínas, e não sei que mais. Tem amigos. Tem casa. Tem uma Família. Mas é-lhe muito custoso sair do infra-humano em que viveu! Já está connosco vai em 3 anos e muitos mais serão precisos para se tornar verdadeiramente humano.

Uma história que devia ser proibida; mas a vulgaridade obriga a denunciar, para que os homens sejam Humanos.

Padre Abraão

O NOSSO JORNAL

Foi no escritório. E ao contrário do habitual éramos só dois: eu e um dos mais pequenos — auxiliar da expedição do Jornal.

Entram duas senhoras, de aspecto simples. Mulheres do povo. Vêm pôr suas cartas em dia. E doutras, também.

«Somos dos lados de Aveiro», friza a mais expedita, mais nova e alentada. Busco a primeira ficha. E outra e outra. Todas da mesma terra. Fiquei admirado. Ora se não!

Falámos da vida da nossa Obra: edições, «Famoso», rapazes, etc.. E aqui saíu, de rom-pante, baixinho, uma confidência deliciosa, que define a simplicidade e doação viva desta Mulher: «Sabe? Na minha terra todos conhecem a vossa Obra. E vou arranjando assinantes, dos que lêem...» Estaquei. Pousei os olhos na sua companheira de viagem entretida com o peque-

nito. E não foi preciso fazer deduções. Era uma delas! «Esta minha amiga vem comigo pela primeira vez. Eu não passo um ano que deixe de cá vir...» Acompanhada..., rematei. E dis-para um sorriso d'alegria cristã.

Entretanto, botámos os olhos no «Porta Aberta». «Que livro!», exclama para a companheira. E aponta para mim.

Desanda a porta. Eram horas de regressar. Mas, escadas abaixo continua: «Não des-canso de dar a conhecer a vossa Obra, o vosso Jornal; e d'arran-jar assinantes».

Lá seguiu tão contente, como contente nos deixou.

Ao longo da minha vida — desde os tempos de vendedor do Jornal — tenho encontrado muitos casos semelhantes. Muitos, graças a Deus. Essa a razão porque Pai Américo aconselhava — «Escrevam como quem reza». E mais: «de maneira que

o Zé da Lenha entenda...» Os anos passam. O mundo evolui. E a razão do conselho permanece. E permanecerá.

Aquele foi pra mim um dia cheio. É que andamos interessados a pôr em marcha nova «Campanha de Assinaturas». Não é tarde nem é cedo. Será já em uma das próximas edições, se Deus quiser. Temos papelada em ordem. Bartolomeu terminou, ontem, a impressão das 50.000 circulares. Avelino guarda uma série de gavetas com chapas d'endereço disponíveis. Temos uma nova máquina d'impressão que satisfaz plenamente. E há muita gente por esse Portugal fora, do Minho ao Algarve, dos Açores à Madeira, de Moçamedes ao Uíge, de Lourenço Marques a Vila Cabral e até à longínqua Timor, disposta a receber «O Gaiato». Basta uma apitadela!

Os senhores preparem-se. Es-perem pela hora, que não tarda. E logo que a procissão caminha, vamos todos. Todos. Como aquela Mulher do Povo, e dos lados de Aveiro, que não guarda para si o tesouro. Prefere, antes, que todos participem da sua riqueza — o amor de Deus e dos outros. Haverá outra maior e mais rendosa?

Júlio Mendes



Armindo na sua cabana.

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA Página

mão da mãe. O miúdo tem sete anos e a mãe vinte e dois. Ela contou a sua desgraça. Era filha duma mulher solteira que veio a casar. O marido abusou da filha. Nasceu o filhinho e o pai foi para a cadeia e a mãe para uma casa de regeneração.

Não estamos afeitos a receber os nossos pelas mãos das

mães. Se as têm, nesta altura não aparecem. Talvez por isso o «Pistolas», quando estou em casa, anda sempre atrás de mim. Ele precisa de mãe, embora nunca vivesse com ela. Ele tem direito à mãe, embora ela o não possa ter.

Ai dos nossos pecados de justiça social! Como serão as nossas contas?

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE